



VOZES SILENCIADAS: UMA ANÁLISE DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE MARIA MUTEA E MULA-MARMELA

 <https://doi.org/10.56238/levv16n45-036>

Data de submissão: 17/01/2025

Data de publicação: 17/02/2025

Luanda Moraes Pimentel Nicchio
Mestra em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Neste estudo pretende-se analisar as características que aproximam e distanciam as estórias de Maria Mutema, personagem do romance Grande sertão: veredas (1956), de João Guimarães Rosa, e Mula-Marmela, do conto “A benfazeja”, presente na obra Primeiras estórias (1962), também do escritor Guimarães Rosa. Observa-se que as narrativas em que estão inseridas essas personagens são parecidas, uma vez que tratam da presença do mal, mesmo este assumindo formas e motivações diferentes.

Palavras-chave: Maria Mutema. Mula-Marmela. João Guimarães Rosa. Narrador.

1 TEXTO INTEGRAL

Nesta análise pretende-se estudar as características que aproximam/distanciam as histórias das personagens Maria Mutema, do romance *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, e Mula-Marmela, do conto “A benfazeja”, presente na obra *Primeiras histórias* (1962), também do escritor Guimarães Rosa.

A história de Maria Mutema faz parte das historietas que são narradas em *Grande sertão: veredas*, mas se diferencia das demais por ser a mais extensa e a mais importante para o enredo do romance. Maria Mutema ficou conhecida por cometer dois crimes, primeiramente assassinou o marido, colocando chumbo derretido em seu ouvido, e, depois, passou a frequentar a igreja, confessando-se ao Padre Ponte a cada três dias, e, nessas confissões, afirmou ter assassinado o marido por amá-lo. O Padre, diante desse segredo que não podia revelar a ninguém, adoeceu e acabou falecendo. Esses crimes só são revelados quando um padre, que estava visitando a vila, ao perceber a entrada de Maria Mutema na igreja, interrompeu a missa e disse que queria ouvi-la em confissão na porta do cemitério, onde estavam enterrados dois defuntos. Perante isso, a personagem revelou os crimes, mas não conseguiu explicar os motivos que a levaram a cometê-los, e, pelo arrependimento que demonstrou sentir, a população acreditou que estava tornando-se santa.

Mula-Marmela, do conto “A benfazeja”, semelhante à Maria Mutema, também é a responsável por causar algumas mortes. No passado, assassinou o marido, o Mumbungo, em uma tentativa de livrar as pessoas de sua maldade, já que, como o narrador afirma, ele “[...] era um hediondo, o cão de homem, calamidade horribilíssima, perigo e castigo para os habitantes [...]” (ROSA, 2005, p. 162). Depois da morte do marido, Mula-Marmela passou a cuidar de seu enteado, Retrupé, homem muito perigoso, que ficara cego logo após a morte de seu pai, cegueira esta que os demais personagens acreditam que Mula-Marmela provocou, com o auxílio de algumas plantas. Após um ataque de fúria de Retrupé, Mula-Marmela acaba assassinando-o e, em seguida, vai embora da cidade, levando consigo apenas um cachorro que encontrara morto no chão.

As personagens Maria Mutema e Mula-Marmela possuem histórias parecidas, que tratam da presença do mal, mesmo este assumindo formas e motivações diferentes. Observa-se que esse mal se faz presente desde os nomes das personagens, como afirma Sérgio da Fonseca Amaral (2005), “[...] Suas insígnias – MM – revelam presença e reincidência da morte e do *mal* [...]” (AMARAL, 2005, p. 01).

A narrativa de Maria Mutema faz parte dos *causos* presentes no romance *Grande sertão: veredas*, os quais são narrados por Riobaldo em sua busca pela comprovação da existência ou não do diabo. Riobaldo relata a história de Maria Mutema que ouvira de Jõe Bexiguento, em uma vigília após o seu batismo de fogo, dessa forma, apenas expõe, de forma impessoal, uma das diversas narrativas

presentes no imaginário popular e que, segundo Walnice Nogueira Galvão (1986), “[...] fala do mal puro, o mal em si sem motivação [...]” (GALVÃO, 1986, p. 119).

Os crimes cometidos por Maria Mutema provocam espanto nos leitores e nos demais personagens por não possuírem motivação, a não ser esse “mal puro”, como afirma o narrador:

[...] Ao que ela, onça mostra, tinha matado o marido – [...] aquela noite, sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma –; por que, nem sabia. Matou – enquanto ele estava dormindo – assim despejou no buraquinho do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido. [...] E, depois, por enjoar do Padre Ponte, também sem ter queixa nem razão, amargável mentiu, no confessionário: disse, afirmou que tinha matado o marido por causa dele, Padre Ponte – [...] Todo o tempo ela vinha em igreja, confirmava o falso, mais declarava – edificar o mal [...]. (ROSA, 2006, p. 225-226).

Ao praticar os crimes apenas pela motivação do mal em si, verifica-se que Maria Mutema demonstra resistência às instituições sociais nas quais está inserida – Estado, família e igreja. A personagem mostra-se contrária à imposição da voz masculina que percorre toda a sua narrativa, nas figuras do narrador, do marido, do padre, das pessoas do vilarejo e dos missionários. E até a forma como os seus crimes aconteceram demonstram essa resistência, ao inserir chumbo no ouvido de um e palavras no do outro, como destaca Amaral, a personagem

[...] agiu sob o signo da revolta muda e silenciosa contra homens que encarnavam em demasiado seus papéis. Porque, se assim não fosse, não haveria a narrativa do marido assassinado dormindo, pois seu sono aponta para o relaxamento da atenção [...]. Já o padre Ponte acreditava intensamente no sacramento da confissão [...]. Morreu porque a fé na instituição o fez crer que onde estava bastaria como centro, autoridade e baliza na verdade da palavra empenhada [...]. (AMARAL, 2005, p. 06).

Esses crimes de Maria Mutema simbolizam o próprio narrar de Riobaldo, no romance *Grande sertão: veredas*, que, ao demonstrar sua dualidade jagunço/narrador, leva palavras e chumbo aos ouvidos dos seus leitores e de seu narratário, como se observa no seguinte trecho:

[...] Me entende? Dias que marquei: foram onze. Certo que a guerra ia indo. Demos um tiroteio mediano, uma escaramucinha e um meio-combate. Que isso merece que se conte? Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição. Mas não anuncio valor. Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja [...]. (ROSA, 2006, p. 229).

Enquanto os crimes de Maria Mutema não possuem uma explicação, o narrador do conto “A Benfazeja” esforça-se para convencer o leitor de que Mula-Marmela cometeu os assassinatos com o objetivo de exterminar o mal e, com isso, proteger os demais personagens: “[...] A mulher tinha de matar, tinha de cumprir por suas mãos o necessário bem de todos, só ela mesma poderia ser a executora – da obra altíssima, que todos nem ousavam conceber, mas que, em seus escondidos corações, imploravam [...]” (ROSA, 2005, p. 164). Além de agir pelo bem de todos matando o marido, a personagem, com o auxílio de algumas ervas, causou a cegueira em seu enteado, impedindo, assim,

que este continuasse a cometer as mesmas atrocidades de seu pai, e, por fim, acabou assassinando-o, sendo essa morte necessária para encerrar a sua missão de extinguir o mal do lugarejo.

Nota-se, então, que as duas personagens, Maria Mutema e Mula-Marmela, são apresentadas por tipos diferentes de narradores. O narrador de Maria Mutema narra de forma distanciada a estória que ouviu, não conseguindo, portanto, entender exatamente os motivos que impulsionaram a personagem em seus crimes, por isso acredita apenas no “mal puro” para explicá-los, dando

[...] a conhecer um pouco do espírito de Mutema apenas na confissão dos crimes: agiu com obscuridade e fingimento, indicando vontade atávica e desejo tortuoso; ardil e vaidade. Para o leitor, há a suspeita de que a fala do narrador conserva em suspenso elos masculinos fatais de ligação entre os mortos, pois aos dois a morte sobreveio despejada nos ouvidos [...] (AMARAL, 2005, p. 03-04).

O narrador de Mula-Marmela é um indivíduo culto, letrado, não pertencente ao lugarejo, como deixa claro, “Sou de fora”, que escuta a história pela voz da comunidade, pois, pelo fato de Mula-Marmela ser marginalizada, não lhe é permitido falar. Contudo, esse narrador não se limita somente ao que escuta da comunidade – diferenciando-se do narrador de Maria Mutema, que não esclarece ao leitor as motivações para os crimes – visto que, em um olhar onisciente, consegue ver, interpretar e se compadecer com as ações da personagem, enxergando além de sua sujeira e de sua miséria, e questiona a cidade e, também, os leitores, apontando a ingratidão de todos diante das atitudes benevolentes de Mula-Marmela:

[...] Mas, quando ela matou o marido, sem que se saiba a clara e externa razão, todos aqui respiraram, e bendisseram a Deus. Agora, a gente podia viver o sossego, o mal se vazara, tão felizmente de repente. O Mumbungo; esse, foi o que tivera de se revoltar a um outro lugar, foi como alma que caiu no inferno. Mas não a recompensaram, a ela, a Mula-Marmela; ao contrário: deixaram-na no escárnio de apontada à amargura, e na muda miséria, pois que eis [...]. (ROSA, 2005, p. 164).

Acerca desse narrador do conto “A benfazeja”, Betina R. R. da Cunha (2009) afirma que ele é

[...] misto de interlocutor e consciência crítica de uma comunidade sertaneja, [...] reconstrói a história dos seres, marginalizados pela diferença e indiferença sociais e que, no entanto, representam dolorosamente as lacunas da realidade objetiva e do desrespeito existencial. (CUNHA, 2009, p. 144).

Verifica-se que a marginalização de Mula-Marmela, além de ser motivada pela falta de compreensão dos demais personagens, pode ser entendida ainda pelo fato de ser retratada como uma feiticeira em alguns momentos da narrativa, por exemplo, quando o narrador descreve como a personagem fez Retrupé ficar cego, ao fazer uso de “[...] leites e pós, de plantas, venenos que ocultamente retiram, retomam a visão, de olhos que não devem ver [...]” (ROSA, 2005, p. 166). Em relação a isso, Marina Ambrozio Galindo Rolim (2010) afirma que “[...] Marmela é comparada às

feiticeiras e às bruxas, mulheres dotadas de poderes mágicos e sortilégios que, geralmente, são perseguidas e afastadas, pelo exílio ou pela morte, dos lugares em que vivem” (ROLIM, 2010, p. 82).

Observa-se que, ao narrar a estória, o narrador esforça-se para mostrar que Mula-Marmela não possui a índole ruim como a do marido, como se tentasse, com isso, demonstrar ser possível uma reversão do mal em bem. A personagem representa o “mal necessário”, como mostra o final do conto, em que, após assassinar o enteado, retira um cachorro morto do chão e abraçando-o vai embora da cidade, para morrer logo adiante. Segundo Ana Paula Pacheco (2006), “[...] Transformada pelos moradores em sua vítima expiatória, ela é naquele instante o animal pestilento que carrega nos braços – [...] para dar-lhe cova (já que ambos não teriam lugar no solo da comunidade), para que a doença não se espalhe pelo lugarejo” (PACHECO, 2006, p. 134-135).

Essa reversão do mal também está presente em Maria Mutema, pois, depois de confessar os seus crimes, aparenta estar realmente arrependida, visto que “[...] não comia, não sossegava, sempre de joelhos, clamando seu remorso, pedia perdão e castigo, e que todos viessem para cuspir em sua cara e dar bordoadas. Que ela – exclamava – tudo isso merecia [...]” (ROSA, 2006, p. 226). Diante desse arrependimento, o povo demonstra compaixão por Maria Mutema e acredita que estava tornando-se santa. Nota-se que a libertação do mal e, logo, da personagem ocorre pela fala, sendo interessante o fato de que, da mesma forma como praticou o mal, livrou-se dele. Como ressalta Galvão,

Os dois crimes de Maria Mutema são, formalmente, um só. O crime é executado mediante a introdução de algo no cérebro pelo conduto auditivo, algo que se solidifica ou se consolida, e mata [...].

Ao mesmo tempo, Maria Mutema livra-se do mal pela mesma via: falando, isto é, introduzindo nos ouvidos das pessoas sua pública confissão [...]. (GALVÃO, 1986, p. 120).

Verifica-se que, apesar de Maria Mutema não possuir, aparentemente, nenhum motivo para cometer os crimes, ao confessá-los, recebe o apoio da comunidade. Como afirma o narrador, “[...] o povo perdoou, vinham dar a ela palavras de consolo, e juntos rezarem [...]” (ROSA, 2006, p. 227). Já Mula-Marmela, que agiu com a intenção de proteger os demais personagens – o “mal necessário”, não tem a compaixão de ninguém, restando-lhe a solidão e o abandono:

E ela ia se indo, amargã, sem ter de se despedir de ninguém, tropeçante e cansada. Sem lhe oferecer ao menos qualquer espontânea esmola, vocês a viram partir: o que figurava a expedição do bode – seu expiar. Feia, furtiva, lupina, tão magra. Vocês, de seus decretantes corações, a expulsavam [...]. (ROSA, 2005, p. 169).

Apesar das diferenças em relação aos tipos de crimes e aos motivos para cometê-los, Maria Mutema e Mula-Marmela se assemelham por representarem duas mulheres que, ao assassinar os maridos, assumem o direcionamento de suas vidas, não se resignando a aceitar as imposições instituídas às mulheres pela tradição. Como destaca Amaral,

Os dois elementos do *mal*, estatuto fictício da mulher, nas imagens de Mutema e Marmela, apresentam-se, cada qual a sua maneira, para desfazer algo, em ténue equilíbrio, na história encenada por homens em papéis sociais petrificados e brutalizados. Enrijecidos dentro de preceitos milenares, tais homens caminhariam para o limite do arranjo grupal se uma outra presença não desviasse a restauração do caos, dando continuidade à vida em comum [...]. (AMARAL, 2005, p. 05).

Embora essas mulheres tenham escolhido desfazer os laços sociais aos quais estavam presas, as histórias delas ainda são contadas e recontadas por homens. No romance *Grande sertão: veredas*, Riobaldo escuta a narrativa de Maria Mutema de Jõe Bexiguento, mas a personagem tem a possibilidade de falar, sendo assim, como se mencionou anteriormente, que se liberta dos crimes.

As histórias de Maria Mutema e Mula-Marmela evidenciam o sertão retratado por Guimarães Rosa, no qual os conceitos de bem e de mal estão sempre entrelaçados, e a oscilação entre um e outro faz parte da natureza do ser humano. E é esse misturar das coisas que perpassa toda narrativa de *Grande sertão: veredas*, sempre inquietando o personagem Riobaldo, como afirma antes do relato sobre Maria Mutema,

[...] Que isso foi sempre o que me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado... (ROSA, 2006, p. 221).

Os episódios vividos por Maria Mutema foram contados pelo personagem Jõe Bexiguento, que se mostrava ser um jagunço que não acreditava na mistura inerente ao mundo, como lhe apresenta o narrador Riobaldo, “[...] no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma neste mundo – as coisas eram bem divididas, separadas” (ROSA, 2006, p. 221). Contudo, durante toda a narrativa de *Grande sertão: veredas*, Riobaldo fornece muitas evidências do quão complexo é o ser humano, até na visão que possui sobre quem realmente é – “[...] O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, porque não quero ser. Deus esteja!” (ROSA, 2006, p. 216).

Nota-se, então, que as histórias de Maria Mutema e Mula-Marmela evidenciam a mistura, a transformação e a fragmentação inerentes à vida humana, pois, como destaca o personagem Riobaldo, “O senhor... mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando [...]” (ROSA, 2006, p. 23).

Antes de finalizar esse estudo é importante ressaltar os significados dos nomes das personagens, visto que estes colaboram para análise das mesmas. No nome Mutema, Guimarães Rosa conseguiu criar um antônimo, como evidencia Galvão, para o significado de *fonema* – “som da voz” – por meio do acréscimo do radical *mut* – mudo, ou seja, Mutema seria aquela que não possui voz. Observa-se que esse significado do nome se relaciona com o fato de a personagem guardar o segredo de seus crimes, alterando essa situação apenas quando decide falar, para, assim, libertar-se, “[...] repartindo

entre todos o peso do segredo, abandonando sua condição de Mutema e começando a tornar-se santa [...]” (GALVÃO, 1986, p. 128).

Verifica-se que, para alcançar o perdão e o apoio da sociedade, a personagem precisa regressar à posição de Mutema, ou seja, silenciando-se e buscando a autoflagelação, e, ainda, como ressalta Cleusa Passos (2000), retornando à religião,

Assim, aceita-se o *não-saber* de Mutema, a lei obscura pela qual ‘procedia e pensava’, aceitam-se seus atos terríveis em troca do retorno à religião, ‘religar’, cujo duplo papel de reatá-la ao arraial e a Deus permite a preservação do ilusório, isto é, a religião continua a fornecer *sentido* ao real e impede a *reelaboração* do ato transgressivo. (PASSOS, 2000, p. 149).

Em relação ao nome Mula-Marmela, Pacheco afirma que

[...] ‘Marmela’ alude a um caráter violento (presente em ‘vara-de-marmelo’) e ao sentido popular de ‘marmelo’ – enganador, libertino, indivíduo que pratica ações ruins. ‘Mula’, animal de carga, traz em Minas Gerais também o sentido de cristal de rocha, bloco limpo de quartzo usado terapeuticamente [...]. (PACHECO, 2006, p. 135).

Compreende-se, então, que o nome Mula-Marmela associa tanto a violência, verificada na forma como a personagem realiza os crimes, quanto o seu caráter benevolente, ao assassinar o marido e o enteado para impedir que continuassem fazendo maldades, tornando-se, como o próprio título do conto destaca, a benfazeja, ou seja, aquela “que pratica ou proporciona o bem” (HOUAISS, 2011, p. 120). O nome da personagem “[...] confirma ainda a destinação heroica de Mula-Marmela, como se, inexplicável e intuitivamente, fora escolhida para cumprir um papel emblemático e sacralizado, na impiedosa execução” (CUNHA, 2009, p. 146).

As narrativas de Mula-Marmela e Maria Mutema evidenciam que as mulheres, ao decidirem trilhar seus próprios caminhos, não se submetendo aos domínios masculinos, acabam por serem punidas, mesmo quando agem pelo bem comum, como é o caso de Mula-Marmela, ou quando possuem o apoio da comunidade, como é a situação de Maria Mutema. Não é mais permitido a essas personagens conviverem em sociedade, e, por isso, precisam ser isoladas, por imposição da própria cidade ou pela intervenção da justiça. E cabe aos narradores contarem e recontarem as histórias dessas enigmáticas personagens, buscando, com isso, compreender os motivos por trás dos crimes que cometeram.



REFERÊNCIAS

AMARAL, Sérgio da Fonseca. A necessidade do mal. In: REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários [online]. 2005, vol. 1, n. 1, p. 01-07. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reel/issue/view/260>. Acesso em: 1 abr. 2024.

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da. À margem da redenção ou a ética da exclusão em “A Benfazeja”. In: Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico. São Paulo: Annablume, 2009, p. 141-151.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O certo no incerto: o pactário. In: As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade em Grande sertão: veredas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 117-132.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss Conciso. São Paulo: Moderna, 2011.

PACHECO, Ana Paula. “A benfazeja” – espelho do outro. In: Lugar do mito: narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa. São Paulo: Nankin, 2006, p. 125-143.

PASSOS, Cleusa. Os maus segredos. In: Guimarães Rosa: do feminino e suas estórias. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2000, p. 141-173.

ROLIM, Marina Ambrozio Galindo. Sob o sórdido desarrumo: A feiúra em A benfazeja, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000153867>. Acesso em: 1 abr. 2024.

ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.